

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Ana Júlia Norio Migotto

GÊNERO INVISÍVEL: ENVELHECIMENTO E FEMINISMO

Taubaté

2022

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Ana Júlia Norio Migotto

GÊNERO INVISÍVEL: ENVELHECIMENTO E FEMINISMO

Monografia apresentada para obtenção do Certificado de Bacharel pelo Curso de Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Psicologia

Orientador: Profa. Dra. Débora Inácia Ribeiro

Taubaté

2022

Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBi/UNITAU
Biblioteca Setorial de Biociências

M636g Migotto, Ana Júlia Norio
Gênero invisível: envelhecimento e feminismo / Ana Júlia
Norio Migotto. -- 2022.
49 f. : il.

Monografia (graduação) – Universidade de Taubaté,
Departamento de Psicologia, 2022.
Orientação: Profa. Dra. Débora Inácia Ribeiro, Departamento
de Psicologia.

1. Envelhecimento. 2. Feminino. 3. Velhice. 4. Feminismo.
5. Psicologia. I. Universidade de Taubaté. Departamento de
Psicologia. Curso de Psicologia. II. Título.

CDD- 155.6

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecário(a) Ana Beatriz Ramos – CRB-8/6318

Ana Júlia Norio Migotto

GÊNERO INVISÍVEL: ENVELHECIMENTO E FEMINISMO

Monografia apresentada para obtenção do Certificado de Bacharel pelo Curso de Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Psicologia

Orientador: Profa. Dra. Débora Inácia Ribeiro

Data: _____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Débora Inácia Ribeiro

Universidade de Taubaté

Assinatura: _____

Prof. Dr. Régis de Toledo Souza

Universidade de Taubaté

Assinatura: _____

Dedico este trabalho a todas as mulheres que vieram antes de mim e para aquelas que ainda virão. Aquelas que romperam e ainda rompem com as representações dos papéis idealizados pela sociedade, e que ainda me mostram a possibilidade plural de ser mulher, porque escolheram a luta e não a resignação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço meus guias por cuidarem de mim e aos membros da minha família por serem a minha primeira base e estrutura, por terem me guiado da melhor maneira possível até aqui. Aos meus avós, principalmente, por todo o carinho e cuidado com os meus estudos e minha educação desde sempre. A minha mãe por se dedicar tanto a mim e me mostrar a importância de lutar todos os dias para ter um futuro melhor. Aos meus amigos que são a família que eu escolhi, minha rede de apoio e os maiores companheiros que uma pisciana poderia ter. Me orgulho tanto de vocês e agradeço cada momento, no qual, vocês de alguma forma me incentivaram, me apoiaram, me fizeram rir, me ensinaram e me ensinam que com as nossas diferenças e (muitas) similaridades a seguir forte e continuar lutando.

Aos meus amigos Kevin, Julia, Maria Gabriela, Rafael, Gabriela, Vinicius, Mauro, Vitor, Larissa, Yann, Carol, Lucas e meu namorado Bruno: obrigada por tanto!

Sou grata à professora Dra. Débora Inácia Ribeiro, que com a sua maneira toda especial e incrível me conduziu da melhor maneira na minha jornada acadêmica e clínica. Obrigada por ter sido a minha maior inspiração durante esses anos de graduação, a melhor professora e supervisora que eu poderia ter, por me acolher e me aceitar nos Estágios Clínicos, na orientação do Trabalho de Graduação e fora deles quando eu mesma não me acolhia. Sinto-me privilegiada pelo conhecimento passado com tanta seriedade e ao mesmo tempo com tanto carinho, pela amizade e pela troca natural que houve durante todo o tempo.

Agradeço ao professor Dr. Régis de Toledo Souza, por sempre me instigar a manter o pensamento crítico e me ensinar a enxergar através de diferentes lentes as diversas realidades da sociedade em que estamos inseridos. Obrigada por todas as aulas e supervisões onde me fez questionar minhas certezas, minhas posições a frente dos tantos questionamentos político-sociais e por me tornar uma pessoa que sente orgulho de estar do lado da luta contra opressões.

RESUMO

O presente trabalho faz uma abordagem sobre o envelhecimento feminino, considerando as análises feministas para a compreensão desse fenômeno. As pessoas têm apresentado uma expectativa de vida cada vez maior e as mulheres mais ainda. Nesse sentido, se faz relevante compreender como ocorre nas mulheres essa fase de envelhecimento. Assim, o presente trabalho teve como objetivo geral analisar o envelhecimento feminino a partir das questões sociais com base nas contribuições do feminismo e como objetivos específicos discorrer sobre o processo do envelhecimento, abordar sobre os aspectos históricos da mulher e do seu envelhecimento e discutir sobre as representações do envelhecimento da mulher. Para responder aos objetivos da pesquisa foi empregada uma pesquisa bibliográfica, sendo selecionados livros e artigos sobre o tema. No caso dos artigos, foram utilizados os bancos da Google Academic, Scielo e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD, utilizando-se os critérios de inclusão o material em português, empregando os seguintes descritores: envelhecimento, feminino, velhice e feminismo. Os resultados apontaram que, em virtude de uma sociedade patriarcal e machista, a mulher tem sofrido impacto na velhice, além da demanda pelo culto da beleza. Conclui-se que a representação sobre o envelhecimento feminino é carregada de estigmas e o tema precisa de mais estudos e pesquisas para ampliar essa discussão.

Palavras-Chave: Envelhecimento; Feminino; Velhice; Feminismo; Psicologia.

ABSTRACT

The present work approaches female aging, considering feminist analyzes to understand this phenomenon. People have an increasing life expectancy and women even more. In this sense, it is relevant to understand how this aging phase occurs in women. Thus, the present work had as general objective to analyze female aging from social issues based on the contributions of feminism and as specific objectives to discuss the aging process, address the historical aspects of women and their aging and discuss the representations of women's aging. To respond to the research objectives, a bibliographic research was used, and books and articles on the subject were selected. In the case of articles, the databases of Google Academic, Scielo and the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations – BDTD were used, using the inclusion criteria for the material in Portuguese, using the following descriptors: aging, female, old age and feminism. The results showed that, due to a patriarchal and sexist society, women have suffered an impact in old age, in addition to the demand for the cult of beauty. It is concluded that the representation of female aging is loaded with stigmas and the topic needs more studies and research to expand this discussion.

Keywords: Aging; Feminine; Old age; Feminism; Psychology.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
1.1 PROBLEMA	7
1.2 OBJETIVOS	7
1.2.1 Objetivo geral	7
1.2.2 Objetivos específicos.....	8
1.3 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO	8
1.4 RELEVÂNCIA DO ESTUDO	8
1.5 ORGANIZAÇÃO DO ESTUDO.....	9
2. REVISÃO DA LITERATURA	10
2.1 O ENVELHECIMENTO	10
2.2 ASPECTOS HISTÓRICOS DO ENVELHECIMENTO	14
2.3 A HISTÓRIA DO FEMINISMO	18
2.4 O PAPEL DA MULHER NA FAMÍLIA	24
2.5 AS REPRESENTAÇÕES DO ENVELHECIMENTO DA MULHER.....	24
2.5.1 A beleza	24
2.5.2 O gênero, a velhice e o feminismo	26
2.5.3 O envelhecer feminino.....	29
3. MÉTODO.....	38
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	39
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS.....	43

1. INTRODUÇÃO

A velhice tem sido um fenômeno que tem chamado a atenção de escritores, pesquisadores e filósofos há séculos. Eles geram esforços para compreender como ocorre a dinâmica do envelhecimento, considerando os aspectos biológicos, psicológicos e sociais. Nos tempos mais antigos ainda não se tinha de forma clara, a etiologia do envelhecimento, sendo assim, as teorias eram lacunosas. A velhice atualmente é compreendida como um fenômeno social, natural que se dá ao decorrer do desenvolvimento humano, é indivisível, único no seu processo e curso.

O indivíduo idoso se depara com várias problemáticas em decorrência de uma limitação biológica, sociocultural e econômica durante o processo de envelhecimento, observa-se também que o idoso muitas vezes é invisível frente à dinâmica familiar. “No extremo, o envelhecimento deixa de ser uma interrupção da vida em sociedade para passar a outra forma de ação social. Nessa nova forma de ação social, os idosos, “representados” (SIQUEIRA; BOTELHO; COELHO, 2002, p. 902). Dessa forma representações sobre o envelhecimento acrescentam um ônus social e psicológico mais acentuado que o próprio fenômeno do envelhecimento.

1.1 PROBLEMA

Diante do exposto, o presente trabalho tem o seguinte problema de pesquisa: como ocorre o envelhecimento feminino e como o feminismo pode contribuir na reflexão desse fenômeno?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

Analisar como a sociedade constrói suas representações sobre o envelhecimento feminino e identificar as contribuições do feminismo nessas representações.

1.22 Objetivos específicos

- Identificar os aspectos históricos da mulher e do seu envelhecimento;
- Discutir sobre as representações do envelhecimento da mulher levando em conta o movimento feminista.

1.3 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO

Para responder aos objetivos da pesquisa foi empregada uma pesquisa bibliográfica, os meios para os quais foram levantados os dados para esse se deram por meio de livros e artigos.

No caso dos artigos, foram utilizados os bancos da Google Academic, Scielo e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD, utilizando-se os critérios de inclusão o material em português, utilizando os seguintes descritores: envelhecimento feminino, velhice e feminismo. Para tanto, foram realizadas buscas de assuntos, conteúdos, leituras e fichamentos e posteriormente, procedeu-se à elaboração do conteúdo.

1.4 RELEVÂNCIA DO ESTUDO

O envelhecimento da população ocorre atualmente em um contexto de grandes alterações culturais, econômicas, políticas, e de valores e na organização dos arranjos familiares. A expectativa é que em breve, haja ainda mais um crescimento do índice da população muito idosa, representada por mais de 80 anos, e se dá em virtude do resultado das taxas altas de natalidade evidenciadas no passado recente e também da continuação da diminuição da mortalidade nas idades mais avançadas (CAMARANO; KANSO, 2010).

Isso coaduna com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2018), na qual evidencia que 1 em cada 4 brasileiros terá mais 65 anos em 2060, ou seja, 25% da população. Constata-se que a população idosa vem aumentando gradativamente, diferentemente do número de nascimentos, isto é, a taxa de idosos cresceu e a taxa de natalidade diminuiu.

Diante desse cenário, faz-se relevante estudos que abarquem sobre a mulher e a velhice, tendo em vista que a sociedade que dita modas, padrões de beleza e o

culto a jovialidade e isso recai ainda mais sob a mulher. Ressalta-se que a indústria da beleza atende majoritariamente as mulheres, tendo em vista que as mesmas tentam a todo custo retardar o processo de envelhecimento buscando a juventude eterna.

Essa questão requer um olhar analítico e crítico sobre como a velhice é compreendida no meio social e mais precisamente como é atribuído as mulheres.

1.5 ORGANIZAÇÃO DO ESTUDO

Esta monografia está dividida em cinco partes: introdução, revisão de literatura (o envelhecimento; aspectos históricos do envelhecimento; a história do feminismo; o papel da mulher na família; a beleza; o gênero, a velhice e o feminismo; o envelhecer feminino), método, resultados e discussão e considerações finais.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1 O ENVELHECIMENTO

O aumento expressivo da população idosa é um fato mundial, e está sendo cada vez mais estudado em virtude do aumento da expectativa de vida. Assim, há um interesse de diversas áreas em compreender o processo de envelhecimento à luz de distintas abordagens. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), estima-se que até 2025, 1,2 bilhões de pessoas terão idade acima de 60 anos (WHO, 2004).

O envelhecimento populacional está ocorrendo em um contexto de grandes mudanças sociais, culturais, econômicas, institucionais, no sistema de valores e na configuração dos arranjos familiares. Para o futuro próximo, espera-se um crescimento a taxas elevadas da população muito idosa (80 anos e mais), como resultado das altas taxas de natalidade observadas no passado recente e da continuação da redução da mortalidade nas idades avançadas. No entanto, a certeza do crescimento desse segmento populacional está sendo acompanhada pela incerteza das condições de cuidados que experimentarão os longevos (CAMARANO; KANSO, 2010, p. 233).

Durante o envelhecimento, os indivíduos se diferenciam de acordo com os fatores a que são submetidos ao longo da vida, como a herança genética, fisiologia, anatomia, estilo de vida, ambiente biológico e físico, e como esses enfrentam as diferentes circunstâncias.

O envelhecimento é visto pela maioria das pessoas sob uma perspectiva negativa e disfuncional, caracterizando-o e estereotipando-o como uma fase exclusiva de declínios e perdas. Tais representações podem prejudicar a compreensão adequada do que realmente se trata essa fase.

De acordo com Campos, Ferreira e Vargas (2015) “[...] há desafios voltados para a compreensão das condições associadas à possibilidade de assumir o envelhecimento como um processo positivo e a velhice como uma etapa da vida que pode ser acrescida de saúde, bem-estar, prazer e qualidade de vida. ”Apesar que de fato perdas físicas e cognitivas são esperadas como discorrerem Torres *et al.*, (2015, p. 3622) :

Os estudos sobre envelhecimento se polarizam, de um lado com perspectivas que vinculam velhice a declínio, e de outro, com concepções que assumem que o desenvolvimento é possível durante o envelhecimento. Em geral existem algumas perdas físicas e cognitivas relacionadas à fase da velhice, principalmente no que diz respeito ao tônus muscular, audição e resistência ortomuscular, além de possíveis dificuldades nas capacidades de memória, linguagem e atenção.

De acordo com Veras (2018), para se compreender o envelhecimento da população, é importante entender o panorama econômico. Assim, fenômenos sobre como alongar a vida se deram inicialmente nos países mais desenvolvidos, em decorrência de maiores recursos financeiros, impactando na educação em saúde, assim como no avanço da medicina. Esses fatores têm demonstrado relevantes impactos no prolongamento da vida e com a qualidade.

Entretanto, nos países emergentes isso se deu de forma mais recente. No Brasil, por exemplo, o número de idosos com mais de 60 anos, ultrapassou 3 milhões na década de 1960 passando para 07 milhões a partir de 1975 e para 14 milhões em 2002. Portanto, observa-se um aumento de 500% dentro de 40 anos com o alcance de 32 milhões em 2020 (VERAS, 2018).

O contexto nacional em relação à população tem passado por uma diversidade de mudança, seja em relação ao sexo ou idade, as pesquisas vêm demonstrando uma redução da base (mais novos) da pirâmide e um aumento no topo (mais velhos). O envelhecimento especificamente pelos dados não tem se mostrado de forma homogênea entre os diversos grupos de faixa etárias (ALVES, 2016).

Desse modo, Affeldt (2013, p. 39) afirma que,

A forma de viver a velhice está associada a várias questões que se interligam e que tornam o envelhecer mais complexo. Hoje se evidencia um envelhecimento com características bastante heterogêneas, onde cada indivíduo tem um envelhecer único. Os sujeitos não envelhecem de maneira igual, estão construindo as suas próprias histórias de vida, com as suas características e dificuldades, o que os tornam diferentes.

Ainda de acordo com Alves (2016), o ritmo de crescimento varia, por exemplo, o crescimento é maior nas idades avançadas. A tendência é que o Brasil apresente não somente mais pessoas idosas, mas também idosos ainda mais idosos, ou seja, um aumento expressivo da quarta idade.

A maior parte dos idosos da segunda metade do século XXI serão constituídas por aquelas pessoas que nasceram depois dos anos 80, e paralelamente tem-se observado uma redução no tamanho das famílias. (ALVES, 2016). O processo de envelhecimento da população nacional ocorre de forma simultânea ao envelhecimento da população idosa no mundo.

Araújo, Souza e Faro (2016, p. 252), também corroboram da mesma ideia quando afirmam que:

Em nível mundial, a proporção de pessoas com 60 anos ou mais cresce de forma mais rápida que a de outras faixas etárias. Esperam-se que em 2050 haja dois bilhões de idosos, 80% deles nos países em desenvolvimento. A população de 80 anos ou mais é a que mais cresce e poderá passar dos atuais 11% para 19% em 2050.

É consensual que envelhecer é um processo humano natural, que é seguida de uma diversidade de transformações que abarcam as questões psicológicas, físicas, culturais e sociais. Nessa fase de mudanças, há certa dificuldade em relação ao entendimento das repercussões sintomáticas no corpo do idoso, de compreender até que ponto o envelhecimento é natural ou diz respeito a uma condição patológica (LOBO *et al.*, 2002).

A nível cognitivo, o envelhecimento natural tende a ser condicionado a uma queda de processos cognitivos, como dificuldades de memória, de processamento das informações e de atenção. Entretanto, no estágio do envelhecimento de ordem biomédico, é notória a predominância de doenças crônicas, relacionadas às cardiopatias, osteoporoses, depressões e demências (LOBO *et al.*, 2002).

De acordo com Papaléo Netto (2002), o envelhecimento é considerado um processo dinâmico e progressivo, onde existem mudanças tanto físicas quanto emocionais, de forma que é progressiva e contínua, tornando o organismo mais vulnerável à morte.

Iglecias e Delfino (2012, p. 07) alertam sobre a importância de uma vida financeira estável, bem como o cuidado com a saúde na fase jovem para que as pessoas tenham uma velhice com maior qualidade:

É inegável que velhice traz problemas na vida do idoso, fazendo com que ele sintase um peso para a sua família à medida que tem consciência que se torna cada vez mais dependente; por outro lado, a família como lugar de proteção tem se mostrado ultimamente como um mito: crianças e idosos têm sido vítimas de negligência, maus-tratos, agressão física; trata-se de

questões ambientais, pois, pode ser observado em todas as classes sociais. As alterações que ocorrem no aspecto físico e cognitivo vão depender da vida que se tenha levado até essa altura. Portanto, as pessoas que tenham valorizado a sua saúde, que tenham permanecido ativas fisicamente e intelectualmente, que tenham desenvolvido um trabalho sem que comprometesse sua integridade, chegam a esta fase em melhores condições, daí a importância da prevenção.

Nesse aspecto, a velhice passa a ser compreendida não mais pelas alterações fisiológicas, mas por uma mudança social, como, por exemplo, a aquisição da aposentadoria, onde o indivíduo muda de categoria de trabalhador e passa para ex-trabalhador, de produtivo para improdutivo, de cidadão ativo para inativo (SIQUEIRA; BOTELHO; COELHO, 2002). Assim, seu conceito assume uma complexidade, sendo exposta por Torres *et al.*, (2015, p. 3622) como “um objeto social polissêmico justamente pela impossibilidade de tratá-la como um fenômeno homogêneo. Os estudos devem considerar esta perspectiva heterogênea dos objetos, além das vivências dos idosos”.

Muitas vezes o idoso é posto em posição de menor relevância social, isso tem como consequência o sofrimento psíquico e muitas vezes não é identificável, logo, isso se torna um fator de vulnerabilidade para o surgimento de várias doenças, tendo por consequência a morte (RUIPÉREZ, 2002).

Portanto, observa-se que o idoso é conceituado dentro de uma dimensão biopsicossocial, sendo atualmente demarcado dentro de uma faixa etária que tem as suas especificidades.

2.2 ASPECTOS HISTÓRICOS DO ENVELHECIMENTO

Apesar do interesse dos pesquisadores pela história do envelhecimento, essa nem sempre foi passível de estudos, tendo em vista as dificuldades de coletar os registros das fontes primárias de informações acerca dos idosos das diferentes épocas. Nos casos mais remotos era possível selecionar dados pelas pedras no túmulo, entretanto isso não representava todos os idosos (MONTEIRO, 2014).

Ressalta-se ainda que na Grécia e na Roma antiga, as mulheres e os escravos não entravam nos cálculos populacionais da velhice. Ainda é possível compreender que a imagem da velhice era algo confuso, contraditório, na antiguidade a velhice começava antecipadamente, tendo em vista que os indivíduos não dispunham de saúde para resistir às diversas doenças. Assim, as pessoas que chegavam à idade mais avançada eram consideradas privilegiadas, sabendo que, apenas uma minoria tinha condições de cuidar da saúde. (ALMEIDA, 1998).

A concepção de velhice como um estágio distinto da vida, se deu no período transitório entre o século XIX e XX, em decorrência dos avanços de diversos postulados científico, reflexões e discussões sobre o que proporcionou uma melhor sistematização do curso da vida, favorecendo um espaço para o surgimento da velhice. Assim, dois fatores foram essenciais e determinantes para marcar a velhice como um estágio da vida: os avanços em relação aos conhecimentos médicos, na qual investiram sobre o corpo envelhecido e na institucionalização das aposentadorias (SILVA, 2008).

Acerca do desenvolvimento médico, Groisman (2002) relata que a geriatria se originou com uma especialidade médica no início do século XX. Anteriormente, especialmente nos séculos XVIII e XIX, havia um conhecimento pré-geriátrico chamado de discurso da senescência. Esse discurso teria iniciado na França com os trabalhos de Bichat (1771-1802) e Charcot (1825-189), balizando assim, os primeiros passos para a prática moderna sobre a velhice.

Os médicos do século XVIII e XIX não categorizavam os velhos em suas especificidades, assim os tratamentos clínicos eram semelhantes aos que eram passadas as pessoas mais jovens. Portanto, a terapêutica tradicional não tratava considerando as diferenças de faixa etárias. Claramente, já havia doenças rotineiras associadas à velhice, como por exemplo, o reumatismo. Entretanto, a terapêutica não sofria variações para se adaptar a idade do paciente idoso.

Além disso, a debilidade na saúde dos mais velhos não era compreendida como algo que deveria ser tratado ou curado. Ao contrário, os médicos entendiam que isso seria uma qualidade fundamental e irremediável para o processo de envelhecer.

Uma das concepções da época sobre a senescência é a metáfora na qual o corpo era concebido como tendo uma quantidade limitada de vitalidade: ao nascer, o organismo era agraciado com um suprimento de energia, que utilizava para crescer e se desenvolver. À medida que este suprimento diminuía, o corpo, já na idade adulta, era capaz apenas de se manter. Finalmente, a sua energia estaria gasta, e o corpo decairia lentamente (HABER 1986, apud GROISMAN2002, p. 68).

Como se pode observar, as doenças na velhice eram naturalizadas, sustentada na ideia de que idoso não teria a capacidade de se sustentar no equilíbrio entre corpo e o ambiente. O adoecimento passa a ser algo esperado nessa etapa da vida. Essa concepção fazia com que a medicina avançasse nos tratamentos para pessoas idosas. A história que abordar sobre a velhice implica também em traçar um panorama sobre a morte, nesse sentido Silva (2008, p. 158) afirma que:

O discurso sobre a senescência desbancou as concepções renascentistas acerca da morte, dos limites da longevidade e da velhice. A morte era entendida como um obstáculo a ser superado e a longevidade, principalmente nos casos excepcionais de centenários, como um evento tanto fantástico e mágico quanto revelador da racionalidade própria do corpo humano. A velhice, a longevidade e a morte eram estudadas a partir de questionamentos médico-filosóficos.

Observa-se que a velhice passa a ser compreendida a partir dos questionamentos, tendo em vista que as concepções renascentistas marcadas pelas crenças foram colocadas em xeque por meio do viés científico, marcando assim o avanço da medicina, trazendo um caráter mais científico para contemplar essa temática.

Para se compreender sobre o processo de envelhecimento é necessário trazer os aspectos históricos acerca desse tema. Desse modo, o envelhecimento é um assunto que vem sendo constantemente debatido na sociedade contemporânea, falar sobre o envelhecimento é falar sobre o tempo, os valores, as histórias. Portanto, faz-se relevante que os espaços acadêmicos e a comunidade se

privilegiem da imagem do idoso como um representante ao contínuo no realce das necessidades da preservação e transmissão dos valores culturais (NERI, 2006).

Atualmente, há um movimento para as pessoas se manterem na eterna juventude, a mídia, por exemplo, constantemente coloca o jovem numa posição de mais qualidade de vida, as indústrias por sua vez ao tempo todo lançam medicações, produtos cosméticos de forma a manter a juventude das pessoas. Permanecer jovem ao longo dos tempos é uma busca constante das pessoas. Essa busca incessante remonta desde a época as mais antigas, inclusive pelos mitos, rituais, fábulas, bruxarias e receitas de alquimistas para as pessoas se mantivessem jovens. Os gregos mais antigos colocavam a juventude em um patamar elevado e objetivavam vencer a morte e a velhice, desse modo, era compreendida como algo ruim, um castigo e que tirava a força de um guerreiro (MONTEIRO, 2014).

Entretanto, a velhice na antiguidade também nem sempre foi sinônima de sofrimento e tristeza, Homero, por exemplo, era visto como alguém de sabedoria (MASCARO, 2004). A partir do século XIX surgem, gradativamente, as categorizações entre as idades bem como suas funções e características, hábitos e espaços específicos a cada faixa etária. “Têm início a segmentação do curso da vida em estágios mais formais, as transições rígidas e uniformes de um estágio a outro e a separação espacial dos vários grupos etários”. (SILVA, 2008, p. 156). Assim, se reconhecia a o processo de envelhecimento como uma etapa com suas especificidades de um processo da vida, que tem um histórico e percurso desde a infância.

A noção de velhice como etapa diferenciada da vida surgiu no período de transição entre os séculos XIX e XX. Uma série de mudanças específicas e a convergência de diferentes discursos acabaram reordenando o curso da vida e gerando condições para o surgimento da velhice. Dois fatores se destacam como fundamentais e determinantes: a formação de novos saberes médicos que investiam sobre o corpo envelhecido e a institucionalização das aposentadorias (SILVA, 2008, p. 158).

Assim, observa-se que as pesquisas e estudos sobre as etapas do desenvolvimento humano foram fundamentais para compreender as peculiaridades do idoso e possibilitar uma gama de fatores que podem favorecer a qualidade de vida do idoso.

Pouco se sabe sobre mulheres mais velhas no passado. A história tende a excluir tanto as pessoas mais velhas quanto as mulheres, partindo do pressuposto de que a história (ou pelo menos o que importa na história) é feita em grande parte por homens jovens ou de meia-idade (BEAUVOIR, 1970). Pessoas mais velhas no passado geralmente eram agrupadas na categoria de adultos. Atualmente há poucas dúvidas que a compreensão das mulheres na história tem sido dificultada pela omissão de mulheres nos relatos históricos, ambos como atores e como pensadores. As mulheres mais velhas são efetivamente inexistentes na história escrita.

Apesar da falta de informações detalhadas sobre as mulheres idosas no passado, o pouco que se sabe sugere que muito do que a experiência das mulheres na sociedade atual é bem semelhante com a do passado. Na maioria das sociedades no passado, o status social das mulheres não era alto e tendia diminuir com a idade.

Em algumas sociedades, pensava-se que as mulheres idosas tinham poderes sobrenaturais e eram mais frequentemente consideradas bruxas.

Existem sociedades, como a China, em que o status da mulher cresce com a idade, mas as mulheres idosas tendiam a reforçar a dominação masculina sobre as mulheres mais jovens (geralmente noras), tratando-as com severidade e exigindo obediência firme ao marido e à sogra ou avó (BEAUVOIR, 1970).

2.3 A HISTÓRIA DO FEMINISMO

Para ter conhecimento acerca da mulher nos dias atuais, se faz relevante que se entenda o papel da mulher ao decorrer da história, pois esse percurso possibilita entender os fenômenos que estão ao lado do processo de envelhecimento feminino. De acordo com Silva *et al.*, (2005, p. 65) afirmam que “entender o lugar da mulher na sociedade, tanto na antiguidade quanto nos dias atuais, há de se percorrer e conhecer a história da mulher, entendendo a formação de sua identidade, de seus grupos sociais, e principalmente seu contexto familiar”.

A representação feminina na Pré-história tinha um grande peso para a sociedade, sua imagem fazia parte de diversos atributos como: sua personalidade, seu instinto maternal e beleza física. E nas civilizações antigas as mulheres eram cultuadas como deusas, eram reconhecidas como um ser sagrado, uma delas sendo a mais conhecida como Estatueta de Vênus como se pode ver na figura 1, se tornando símbolo da fertilidade (BARROS, 2011).

Figura 1 - Estatueta de Vênus



Fonte: Societífica (2020).

Segundo Barros (2011), os homens eram responsáveis pela caça e pela pesca e as mulheres coletavam frutos, evoluindo para a cultura da terra. As mulheres neolíticas faziam parte do trabalho agrícola e moagem dos grãos, executavam tanto trabalhos braçais quanto aos homens. A sociedade medieval era extremamente patriarcal, as mulheres desse período ocupavam posições de

inferioridade e submissão em relação as figuras masculinas da família, ou seja, pais, irmãos e maridos.

O matrimônio consistia em um acordo entre as famílias envolvidas, no qual as moças eram tratadas como seres passivos, de posse de seus cônjuges. “Da antiguidade à idade média, os casamentos eram combinados sem o consentimento da mulher e, a união, não consagrava o amor e sim um contrato entre o pai da noiva e a família do pretendente” (SILVA *et al.*, 2005, p. 73).

As mulheres tiveram grande contribuição econômica na Idade Média simplificada pelo trabalho de plantio e colheita de alimentos exercidos pelas camponesas nos feudos, pela produção de tecidos e outros objetos pelas artesãs, muitas se dedicavam ao comércio ou administrava grandes propriedades devido a morte de seus maridos, algumas até se encarregavam na defesa de castelos contra-ataques.

Algumas chegam a se destacar em liderança de tropas nas batalhas como, por exemplo, Joana d’Arc. Havia também casos de mulheres nobres, que sabiam ler e escrever e se dedicavam ao trabalho religioso.

Na Revolução Industrial, os homens eram os maiores trabalhadores desse período, enquanto para mulheres e crianças não havia oportunidade. Países como Alemanha, França, Rússia e Itália começaram a se industrializar e o trabalho da mulher se equiparou no mundo das fábricas, e aos poucos, fases de ampliação e produção da mão-de-obra se juntavam com os homens (BARROS, 2011).

Esse fator não era muito bem aceito pelos homens, porque nos tempos de crise, o trabalho masculino era substituído pelo feminino por ser mais barato e muitas tinham que se prostituir para ganhar um pouco mais. E a jornada de trabalho aproximadamente 15 horas diária, e os salários baixíssimos levaram as mulheres a fazer greves para reivindicar novas condições de trabalho e o fim do trabalho infantil, foi daí que o movimento feminista surgiu (SILVA, 1987).

O movimento ficou mais forte, após a greve em uma indústria têxtil em Nova York, que mulheres pediam melhores condições de trabalho e igualdade de direito, a manifestação foi reprimida com violência pela polícia e na mesma semana ocorreu outra greve em busca do direito ao voto feminino (BARROS, 2011).

Em 25 de março de 1911, cerca de 150 trabalhadores, na maioria mulheres morreram queimadas o incêndio numa fábrica de tecidos em Nova York, as mortes ocorreram em função das precárias condições de segurança do local, apesar de

muitos acharem que o próprio dono da fábrica causou o acidente para matar suas funcionárias (BLAY, 2004).

Tudo isso foi necessário para provocar várias mudanças nas leis trabalhistas e na segurança de trabalho, gerando melhores condições para os trabalhadores norte-americanos, além da criação de uma data anual para celebração dos direitos das mulheres que foi aprovado por mais de 100 representantes de 17 países, sendo assim, a ONU assinou o primeiro acordo internacional que firmava o princípio de igualdade entre homens e mulheres.

No Brasil, a luta feminina só ganhou força com o movimento das sufragistas que conseguiu direito ao voto, apenas para solteiras e viúvas com renda própria e mulheres casadas com permissão do marido em 1932, e no ano de 1934 que o voto feminino passou a ser regulamentado no país (SILVA, 1987).

O papel das mulheres na Segunda Guerra Mundial começou em setembro de 1939, quase 15 milhões de mulheres alemãs trabalhavam e contribuía para a economia do país, 40% delas estavam empregadas na agricultura já que nessa época, boa parte da economia alemã se baseava na pequena propriedade agrícola. O restante das mulheres, distribuídas nos setores dos serviços e das indústrias. No início da Guerra, a propaganda nazista pregava que o papel da mulher era em casa, criando e educando a nova geração de alemães, que na visão de Hitler governaria o mundo pós-guerra, por isso até 1941 elas foram ocupando funções de observação e sendo ocupadas na segurança dos campos de concentração de extermínio e de trabalhos forçados, já que a política alemã daquela época ditava que os homens deveriam estar separados das mulheres (SILVA, 1987).

Os homens iam para as guerras, e elas tinham que ir como auxiliares nas funções de médicas e enfermeiras, no auge da Segunda Guerra Mundial entre 1943 e 1944, cerca de 50% das mulheres alemãs em idade laboral estavam efetivamente empregadas no esforço de guerra (SILVA, 1987).

As mulheres acabaram se destacando em diferentes setores das forças armadas como enfermeiras, atiradores de elite, pilotos de tanques, e aviadoras. Não demorou muito, para os países envolvidos na guerra convocarem as mulheres, não mais como voluntariadas e sim como recrutadas.

A Inglaterra foi o primeiro país a reconhecer a necessidade de mão-de-obra feminina. Nos campos femininos, a segurança era de responsabilidade delas, que

se igualavam aos homens em termos de brutalidade e maus tratos, após o fim da guerra, o papel das mulheres alemãs continua sendo muito importante para o esforço de reconstrução do país, por conta do número de homens que foram mantidos como prisioneiros de guerra até 1947 a 1948. (RODRIGUES, 2015.)

A história das mulheres na política brasileira é longa e se constrói desde o Brasil colônia, passando pela República e formação do estado democrático até os dias de hoje. No entanto, a luta política feminina a partir do direito de voto, conquistado sem restrições em 1934. O voto antigamente era apenas para funcionárias públicas, pela Constituinte de 1934, sendo que funcionárias eram pouquíssimas, daí veio a ditadura do Estado Novo de 1937 até 1945 que teve a redemocratização e em seguida as eleições que não se elegeu nenhuma mulher. Com isso, veio o regime militar, enquanto isso as mulheres ficaram esquecidas, até que houve a redemocratização, o surgimento de um amplo movimento feminista. (ALVES, 1980).

O Dia Internacional da Mulher foi oficialmente reconhecido pela ONU em 1977, através das atividades dos movimentos trabalhistas que surgiram na virada do século XX na América do Norte e toda a Europa.

Já nos anos 1990, a Conferência de Pequim se tornou um marco, uma vez que os governos participantes se comprometeram a implantar a plataforma de ação que dizia a respeito das mulheres, principalmente na igualdade na política. O que o feminismo inventou a partir do Encontro de Beijing de 1995, foi o problema das cotas (BARROS, 2011).

A ONU Mulheres implementou no Brasil o Plano 50/50, que pretende até 2030 fazer com que, as mulheres ocupem pelo menos 50% dos cargos políticos. A primeira mulher a assumir em cargo legislativo no Brasil foi eleita há quase 90 anos. A representatividade feminina na política brasileira não avançou de forma significativa. Além dos números baixos, as mulheres que ocupam ou pretendem ocupar esses cargos precisam derrubar inúmeras barreiras em um ambiente majoritariamente masculino. A eleição da primeira presidenta do Brasil, Dilma Rousseff contribuiu para a história da política fazendo com que motivasse outras mulheres à candidatura.

No ano de 2021 a sub-representação feminina na política foi de apenas 15% das mulheres ocupando cargos no Congresso Nacional, existe uma resistência dos partidos políticos em incluir mulheres nos seus quadros, e não levam a sério a candidatura feminina. Os partidos não têm muito interesse em eleger mulheres, porque o que se está disputando nas eleições são posições de

deputados federais e estaduais, cargos esses que emitem poder. As mulheres recebem pouco financiamento para candidatura e até mesmo para divulgação de campanhas. Existe um percentual que o partido que não cumprir o mínimo de 30% candidaturas femininas será punido.

2.4. O PAPEL DA MULHER NA FAMÍLIA

Em relação aos aspectos de relacionamento afeito e família, Silva *et al.*, (2005, p.73) abordam que,

Um papel feminino estabelecido culturalmente, até a atualidade, é o da mulher como esposa. O aperfeiçoamento dos instrumentos de trabalho fabricados e manejados por homens, deu ao marido um motivo de acúmulo de bens. Isto levou à inversão da estrutura familiar, passando a mulher para o clã do marido. Da antiguidade à idade média, os casamentos eram combinados sem o consentimento da mulher e, a união, não consagrava o amor e sim um contrato entre o pai da noiva e a família do pretendente.

Com vistas a aumentar as riquezas da família, os grupos recorriam a exogamia, que impossibilita o casamento entre familiares. A partir daí, proíbe-se o incesto, levando a formação de alianças não apenas por meio de troca de bens, mas também de mulheres. A fertilidade era essencial ao casamento, sendo a esterilidade repudiada e o adultério culminava no abandono ou até mesmo a morte da mulher (SILVA *et al.*, 2005, p.73).

No século XVIII, o amor romântico era considerado o ideal em relação ao casamento, o erotismo expulsava as condutas mais reservadas e colocava à prova o tempo de duração do casamento. Em geral, o amor-paixão não tem duração, o amor conjugal ligado também não. Ter filhos deixa de ser o principal objetivo do casamento e os aspectos econômicos e psicológicos do casal se tornam centrais.

O amor romântico é utilizado para desculpar a ausência de filhos. O casamento passa a acontecer em virtude de escolhas e a decisão dos cônjuges, assim a relação conjugal ganha maior relevância (SILVA *et al.*, 2005, p.73).

A revolução sexual, bem como a emancipação feminina apresentaram um papel basilar nas alterações que vêm ocorrendo no casamento, no amor bem como na sexualidade ao decorrer da modernidade, ocasionado em transformações radicais na vida e na intimidade dos indivíduos.

Nos anos de 1960, inicia-se a evolução feminina com o surgimento da pílula anticoncepcional, o que lhe possibilitava o direito e a escolha de ter ou não filhos.

2.5 AS REPRESENTAÇÕES DO ENVELHECIMENTO DA MULHER

2.5.1 A beleza

A velhice no contexto atual pode ser vista como algo vergonhoso, da qual não se pode falar e isso está muito associado ao padrão de beleza e produtividade. Considerando o contexto histórico, desde os primórdios da humanidade, a beleza sempre foi uma preocupação da sociedade. Na Grécia Antiga, por exemplo, havia uma valorização do nu masculino e o homem deveria se mostrar viril, exercitado e forte. Já na Idade Média, era enfatizada a valorização do homem reservado, ou seja, homem não poderia ser exibido em decorrência da religião (FLOR, 2006).

No final da Idade Medieval, se iniciam os cultos pelas formas corporais. No Renascimento, o corpo Aristocrático fazia parte da disciplina, o homem deveria saber dançar, por consequência apresentar um corpo bonito. Portanto, em cada época, o estereótipo beleza do corpo sofre mudanças (FLOR, 2006).

Foi na transição do século XX para o século XXI que se observam os primeiros movimentos acerca da obsessão pela beleza do corpo. Na cultura brasileira, o corpo e o prestígio econômico tornaram-se essenciais. Na década de 1980, houve um aumento expressivo do mercado em relação à manutenção da beleza do corpo (SCHNEIDER; WITT, 2011).

Nas últimas décadas esse fascínio e obsessão pela imagem tem se tornado também no espaço de privilégio das mídias e publicidades. Esse aumento da exigência por um padrão que atende aos critérios de beleza pré-estabelecidos ocasiona nos indivíduos que buscam esses padrões, problemas físicos (alterações nutricionais), e psicológicos (visão distorcida acerca da sua imagem corporal). E esse fenômeno vem abarcando as mulheres nas últimas décadas (SCHNEIDER; WITT, 2011).

Para Foucault (1987 APUD Flor, 2006), a compreensão dos padrões de beleza é *sine qua non* para se refletir e discutir sobre como se dão as relações de poder e das classes sociais. Desse modo, as pesquisas sobre os padrões e formas de beleza, demonstram que esse tema ao decorrer da história remonta também a configuração social de cada época e como isso repercute nos gêneros.

Desse modo, segundo Beauvoir (1990) a relevância de se debruçar nessa temática e se discutir essas questões sobre o silêncio acerca da velhice é

justamente para quebrar esses paradigmas. A sociedade capitalista com relação as pessoas idosas, muitas vezes tratam os mais idosos como pessoas inferiores. Isso parece mais expressivo quando se trata da mulher, como bem evidenciam Lima e Bueno (2009, p. 278):

Com o envelhecimento, as mulheres são afetadas diferentemente de homens, tornando-as mais vulneráveis não apenas aos problemas de saúde, mas ao isolamento social e a transtornos emocionais devido à aposentadoria, à viuvez, às alterações fisiológicas, dentre outros problemas.

Quando os idosos abordam sobre questões que são consideradas de “jovens”, ou seja, têm desejos, a sociedade trata como algo escandaloso. Diante disso, a recusa é contra nós mesmos, tendo em vista que nada é mais imprevisível do que o processo de velhice. Atualmente, quando se questiona sobre o futuro das pessoas, geralmente condicionam a vida até no máximo 60 anos e assim não abordam questões após essa idade, o adulto, portanto, apresenta comportamento como se não fosse ficar velho e muitas vezes o próprio trabalhador não aceita a sua aposentadoria (BEAUVOIR, 1990).

O processo de velhice, de fato, causa espanto nas pessoas, pois muitos preferem a morte à própria velhice. A velhice é encarada como um processo de despersonalização, especialmente no que tange às mulheres, pois essas passam pelo não reconhecimento na esfera social. “as mulheres muitas vezes, em que pese o fato de estarem bem de saúde e com vigor, acabam por se intimidar e sofrer diante de uma realidade que não lhes confere o direito de serem elas mesmas” e que têm muitas vezes que buscar no referencial da juventude os valores que já não dispõem de interesse (LIMA; BUENO, 2009, p. 278).

Exigir que os homens permaneçam homens em sua idade mais avançada implicaria uma transformação radical. Impossível obter esse resultado através de algumas reformas limitadas que deixariam o sistema intacto: é a exploração dos trabalhadores, é a atomização da sociedade, é a miséria de uma cultura reservada a um mandar inato que conduzem a essas velhices desumanizadas. Elas mostram que é preciso retomar tudo, desde o início (BEAUVOIR, 1990, p. 14).

Além disso, esse processo é tratado como se fosse algo sempre de terceiros, as pessoas agem como se nunca fossem chegar à essa fase, além de que a sociedade lança estratégias para o seu impedimento, a idade avançada é tratada como sinônimo de infelicidade. A felicidade surge como uma propositura social em

que é alcançada apenas pelos mais novos e os mais velhos não são produtivos e a expressão de “velho e pobre” se torna quase um pleonasmo.

2.5.2 O gênero, a velhice e o feminismo

De acordo com Camarano (2006), a proporção de mulheres acima de 60 anos é superior que as dos homens, e a velhice assume características bem distintas entre os idosos. Na década de 1980, de cada 100 crianças do sexo feminino, 22 completarão 80 anos; em 2000, esse número praticamente dobrou e as idosas, verificando-se assim que há diferenças entre o envelhecimento em relação ao gênero.

Apesar desse aumento de mulheres, Salgado (2002, p. 16) afirma que,

Infelizmente, as mulheres idosas continuam sendo parte de uma maioria invisível cujas preocupações emocionais, econômicas e físicas permanecem, em grande parte, ignoradas. Às desigualdades sociais, políticas e econômicas que são enfrentadas por todas as mulheres se agrega, à mulher idosa, a discriminação pela idade, que caracteriza uma sociedade orientada para a juventude. É difícil entender a falta de atenção aos problemas da mulher idosa quando vemos que a transformação social e econômica que acompanha o envelhecimento de uma sociedade está relacionada particularmente com a mulher. A mesma sociedade que cultua o jovem e enfatiza a importância do homem faz com que se preste pouca atenção à mulher idosa.

Nesse aspecto, Madureira *et al.*, (2019 p. 19) afirmam que,

A compreensão do envelhecimento sob uma perspectiva de gênero não possibilitará apenas melhor assistência em situações de doença, mas também ações de promoção da saúde, considerada um recurso para a vida que enfatiza os recursos pessoais, sociais e as capacidades físicas na criação de oportunidades para que indivíduos possam fazer suas escolhas para uma vida mais saudável.

Nota-se, portanto, que para além das questões do envelhecimento feminino enquanto construção social se observa também que há a necessidade de estudo dos gêneros até para compreender como ocorre o envelhecimento de modo à promoção de políticas de saúde.

Considerando o aspecto histórico, o estudo do gênero ganhou destaque nas obras feministas, onde foi possível a compreensão dos aspectos que pautam a construção dos comportamentos esperados dos homens, bem como das mulheres.

De acordo com Giffin (2002), a partir da década de 60, o feminismo é caracterizado nesse período almejando lutar contra as diferenças sexuais, visando a igualdade social que insere também a ideia de equidade de gênero. Foi em 1970 que o conceito de gênero é adotado no movimento feminista.

Nesse sentido, Carlotto (2001, p. 02) aborda que,

A categoria gênero vai ser desenvolvida pelas teóricas do feminismo contemporâneo sob a perspectiva de compreender e responder, dentro de parâmetros científicos, a situação de desigualdade entre os sexos e como esta situação opera na realidade e interfere no conjunto das relações sociais.

Os gêneros são construídos a partir das dinâmicas das interações sociais, os indivíduos são construídos nas relações com os demais. Assim, Saffioti (2004) compreende que as relações interpessoais não se tratam apenas das interações de dois corpos, mas sim das relações das emoções, do intelecto, do eu, e cada indivíduo é a construção e o resultado das constantes construções dentro do contexto da raça, etnia, classe, contradições de gêneros.

Garcia (2018) ainda complementa que quando se aborda sobre o gênero, é realizado uma referência ao conceito que é construído pelas Ciências Sociais nas últimas décadas para a análise da construção sócio-histórica da identidade feminina e masculina. À luz teórica, elementos que constituem os gêneros são também denominados de patriarcado por algumas correntes, e que existe um discurso de ideologia sexual ou legitimação sexual.

Tais discursos são voltados para um ordenamento que é estabelecido socialmente, onde se justifica a superioridade do masculino e do homem sob a mulher.

Esses aspectos se referem a um sistema de valores e crenças que especifica o que é um sexo e por meio disso se determina os espaços, as normas que devem ser específicas de cada sexo. Na teoria feminista, o gênero é uma categoria fundamental tendo em vista que a ideia do feminismo do feminino e do masculino não são fatos biológicos ou naturais, mas sim construções. (BEAUVOIR, 1960).

Logo, os gêneros são manifestados de maneira desiguais e dentro de uma distribuição de reprodução social do gênero, refletindo na forma de existir do indivíduo. O homem e a mulher ganham responsabilidades distintas, e essas são

atribuídas às pessoas e muitas vezes lhe são alheias, dentro de um ditame racista, classista e sexista.

Assim, Carloto (2001, p. 01) afirma que “do lugar que é atribuído socialmente a cada um, dependerá a forma como se terá acesso à própria sobrevivência como sexo, classe e raça, sendo que esta relação com a realidade comporta uma visão particular da mesma”.

Portanto, o gênero se refere às desigualdades de poder entre os homens e as mulheres em decorrência das diferenças sexuais. Assim, o gênero se refere às construções sociais baseadas no sexo biológico, onde são preconizadas as funções sociais do homem e da mulher.

Nesse sentido, propõem Souza e Moura (2013, p. 03) “[...] socialmente foi-se definido as funções que cabiam ao homem, que seriam a de chefia e poder, enquanto a mulher se encontra em uma posição inferior, na qual é tida como frágil e de menor grau de inteligência [...]”. Esse fator orienta então o curso que a pessoa vai percorrer baseado no gênero. Compreender essas relações de gênero é fundamental para analisar como o gênero reverbera também no processo de velhice.

Fernandes (2009, p. 706) endossa isso ao afirmar que,

[...] estudos apontam os impactos diferenciadores das vivências de gênero sobre a geração mais velha, que: experimentou, por maior espaço temporal, relações de poder e também naturalizou, mais intensamente, noções sobre papéis masculino/feminino calcadas num modelo tradicional de relações de gênero, em que havia o exercício da autoridade dos homens sobre as mulheres e os filhos no seio das famílias, ou seja, vivenciou uma assimetria relacional, o que pode influenciar, também de modo diferencial, o modo do idoso perceber e vivenciar a sua velhice, conforme a marca do seu gênero.

De acordo com Daniel, Simões e Monteiro (2012) as desigualdades de gênero que, adicionadas às desigualdades sociais, demandam que o envelhecimento feminino seja um elemento fundamental de discussões das futuras políticas sociais e desafia os papéis de gênero. A ausência de reconhecimento dos impactos do gênero como característica da hierarquia social tem sido uma barreira à equidade entre homens e mulheres, especialmente na velhice.

Portanto, de acordo com Garcia (2018) por gênero, se entende como todas as normas, obrigações, comportamentos, pensamentos, capacidades e até mesmo o caráter que se exigiu que as mulheres tivessem por serem biologicamente mulheres. Desse modo, não é sinônimo de sexo.

Quando se aborda sobre sexo, refere-se à Biologia, as diferenças entre os corpos e ao falar de gênero se refere às condutas, normas que são esperadas de determinadas mulheres e homens em virtude do sexo.

Simone de Beauvoir (1970) discorre que as diferenças entre homens e mulheres, a princípio, são biológicas, contudo a Biologia não determina os comportamentos humanos. Os estudos da teoria feminista em relação ao gênero evidenciaram como o preconceito afeta as mulheres e fragmentou essa ideia de que a Biologia é determinante em relação ao feminino.

2.5.3 O envelhecer feminino

O processo de envelhecimento feminino ainda é um fenômeno pouco estudado, pesquisas sobre as mulheres idosas ainda são irrisórias, inclusive pelas próprias feministas. Investigações têm evidenciado que há uma ausência de análises sobre as mulheres idosas bem como as suas divisões de orientação sexual, raça e desigualdade social. Ressalta-se que para iniciar estudos sobre a velhice, é relevante compreender que as mulheres mais idosas na atualidade experimentam mais dificuldades em virtude de um passado predominantemente patriarcal.

Nesse sentido, Fernandes (2009, p. 706) afirma que,

A geração mais velha, por exemplo, experimentou, por maior espaço temporal, relações de poder e também naturalizou, mais intensamente, noções sobre papéis masculino/feminino calcadas num modelo tradicional de relações de gênero, em que havia o exercício da autoridade dos homens sobre as mulheres e os filhos no seio das famílias, ou seja, vivenciou uma assimetria relacional, o que pode influenciar, também de modo diferencial, o modo do idoso perceber e vivenciar sua velhice, conforme a marca do seu gênero.

Estudos acerca do processo de envelhecimento são mais generalizantes, se abstendo do gênero, dos dados demográficos, ou seja, as visões acerca do envelhecimento são neutras “A feminização da velhice tem atraído pouco a atenção da ciência e da política, secundarizando o facto de a fragilidade das idosas estarem marcada”. (DANIEL; SIMÕES; MONTEIRO, 2012, p. 15).

Decorrente da maior esperança de vida ao nascer, aos 60, aos 70 e aos 80 anos de idade. Se for levada em consideração a expectativa de vida ao nascer, observa-se que as mulheres vivem em média cinco a sete anos mais que os homens. Esse aumento da longevidade em mulheres, com as

diferentes taxas de mortalidade entre elas e os homens, faz com que a razão de sexos cresça à medida que a idade avança (PAPALÉO NETTO; KITADAI, 2015, p. 50).

Muitos elementos têm caracterizado a vida de mulheres mais velhas e como tal, marcam as suas vidas. Nesse contexto, a vida possui um denominador comum que se concretiza na renúncia de parte de seu tempo na forma de tarefas envolvidas com o cuidado. Nesse cenário, Salgado (2002, p. 09) afirma que,

A mulher idosa é universalmente maltratada e vista como uma carga. É parte de uma maioria invisível cujas necessidades emocionais, econômicas e físicas permanecem, em sua maioria, ignoradas. Pode-se assinalar, sem dúvida, que a velhice se feminilizou, converteu-se em um assunto de mulheres. O fato mais significativo e simples sobre a velhice é que a população idosa é predominantemente feminina. As mulheres idosas enfrentam uma problemática muito particular na sociedade atual, o que as coloca, em uma posição de fragilidade e de vulnerabilidade.

Assim, fica claro que as privações sofridas pelas mulheres à medida que envelhecem se originam dos estereótipos sociais que são relacionados à idade que as restringem e as tornam invisíveis no pensamento e nos ideais da sociedade, que as têm como velhas e a leva à sua desmoralização.

Além disso, é importante evidenciar que a mulher exerce múltiplas funções e há uma conseqüência em virtude do acúmulo de tarefas simultâneas que desenvolvem ao longo de suas vidas, como o trabalho, o cuidado com os seus filhos, cuidado com os pais idosos, atividades domésticas. A falta de suporte qualificado eficaz impacta em um alto nível de estresse entre as mulheres.

As mulheres são consideradas as cuidadoras fundamentais da espécie humana, no entanto, são cuidadoras sem compensação. As mulheres, portanto, trabalham nessa dinâmica complexa e em algum momento de suas vidas, isso as afeta de forma que pode ser permanente e impactar na velhice.

As mulheres representam o estado de bem-estar das pessoas em seu meio, e esse papel persiste em nossa cultura. A função de prestar cuidados ao decorrer de toda a vida de uma pessoa envolve um alto custo em termos de tempo e perda de oportunidades. Este é um momento em que elas não se dedicam a si mesmos, a educação profissional ou intelectual.

Salgado (2002, p. 13) enfatiza que,

A pobreza na idade avançada tende a aumentar a dependência produzida por condições físicas e psicológicas. A relação entre dependência, pobreza e velhice adquire maior importância em relação à distribuição de recursos econômicos individuais e a disponibilidade de serviços sociais. As diferenças de gênero tornam a situação mais crítica. As pesquisas gerontológicas mostram que são as mulheres de idade avançada (e não os homens) que estão mais expostas à pobreza e à solidão e que também detêm taxas mais altas de institucionalização, mais condições de morbidade, que consultam mais médicos e que têm menos oportunidades de contar com um companheiro em seus últimos anos de vida.

O dinheiro que as mulheres não ganham para si próprias é uma parte importante do custo de oportunidade de seus trabalhos. Durante anos, pesquisadoras feministas têm defendido uma conceituação da saúde da mulher que vai além do que diz respeito a suas capacidades reprodutivas e a consideração da menopausa como um evento que envolve importantes variáveis psicológicas, sociais e culturais que configuram e explicam as experiências das mulheres.

Nesse sentido, Berzins (2003, p. 28) afirma que “As mulheres acumulam no decorrer da vida desvantagens (violência, discriminação, salários inferiores aos dos homens, dupla jornada, etc) e as mulheres têm a probabilidade de serem mais pobres dos que os homens e dependerem mais de recursos externos”.

Nesse aspecto, Beauvoir (1990, p. 75) afirma que,

[...] a velhice não é uma conclusão necessária da existência humana, apesar de que é uma verdade empírica e universal que a partir de certo número de anos o organismo humano sofre uma regressão. Ao final de certo tempo acarreta uma redução das atividades do sujeito, muitas vezes uma mudança de sua atitude em relação a si mesmo e em relação ao mundo.

Destarte, o feminismo defende a ampliação de estudos e pesquisas que foquem nesta transição em conjunto com uma série de fatores, onde se pode citar a pressão social, os interesses comerciais dos laboratórios da indústria da beleza, o lugar de menor destaque da mulher no mercado, o seu papel de cuidadora do lar, impactam expressivamente no fenômeno do envelhecimento.

Por exemplo, a dependência financeira das mulheres mais novas, que se originou em suas primeiras escolhas emocionais, tem sido perpetuada por meio da dependência subsequente de outras pessoas, é a principal causa de sua pobreza na velhice. Esse é um alto preço que se paga por essa dependência, o que exerce uma grande influência na velhice.

Madureira et al., (2008, p. 18) afirmam que,

A participação da mulher no mercado de trabalho trouxe mudanças na condição feminina e fez com que muitas mulheres começassem a sofrer com problemas de saúde até então pouco comuns a elas. Entretanto, essa inserção crescente não a tem desobrigado de suas funções tradicionais, gerando acúmulo de tarefas e riscos, o que pode elevar os níveis de estresse especialmente quando a própria mulher assume a dupla jornada como obrigação dela. Para muitas, o trabalho fora do lar é considerado uma forma de liberação, de alcançar autossuficiência.

Considerando o histórico dessa mulher, o padrão profissional e econômico que essas mulheres desenvolveram em torno de suas vidas, que foi iniciado muitas vezes na adolescência e é consolidado no casamento, torna-se o maior obstáculo para que uma mulher leve uma velhice de melhor qualidade.

A óbvia inferioridade econômica das mulheres em relação aos homens merece mais estudos. Esta desvantagem financeira é baseada em sua orientação exclusiva para o cuidado das suas famílias durante os melhores anos de suas vidas, o que as deixa expostas a um agravamento gradual do estado de pobreza.

Salgado (2002, p. 16-17) afirma que,

Às desigualdades sociais, políticas e econômicas que são enfrentadas por todas as mulheres se agrega, à mulher idosa, a discriminação pela idade, que caracteriza uma sociedade orientada para a juventude. É difícil entender a falta de atenção aos problemas da mulher idosa quando vemos que a transformação social e econômica que acompanha o envelhecimento de uma sociedade está relacionada particularmente com a mulher.

Assim, as mulheres quando trabalham são mal remuneradas, às vezes trabalham em empregos de meio período, entram e saem do mercado de trabalho e consideram a sua contribuição para as finanças da família como um complemento, na medida em que o pagamento que recebem pelo seu trabalho ajuda a minimizar a pobreza de sua família, mas o seu padrão do resto de sua vida está em risco.

Hoje, as mulheres idosas possuem recursos específicos que limitam sua vulnerabilidade e as transformam em pessoas produtivas e ativas em maior medida do que geralmente se pensa. A maior longevidade das mulheres não significa que gozam de um melhor estado de saúde na velhice. No entanto, sua atitude ativa em relação à própria saúde é um elemento fundamental para eles na velhice.

Madureira et al., (2008, p. 19) afirmam que,

Embora as mulheres tenham sido sempre consideradas biologicamente mais frágeis, diferentes autores mostram a maior longevidade feminina e, na maioria das vezes, os homens têm uma taxa de letalidade maior que a das mulheres quando adoecem. O número de mortes de homens em idades mais jovens contribui para aumentar a longevidade feminina. Acidentes de trânsito e homicídios figuram como as principais probabilidades dessa diferenciação, principalmente entre 15 e 34 anos de idade. Entretanto, embora a mortalidade feminina seja menor em praticamente todas as faixas etárias, as mulheres apresentam indicadores de morbidade e de utilização de serviços de saúde mais elevados.

Apesar de todas as dificuldades que as mulheres experimentam o que na maioria dos casos afetou negativamente sua saúde, e também apesar da falta de atenção real que a profissão médica dispensa a elas, as mulheres idosas procuram se manterem ativas e saudáveis. Fazem exercícios físicos, prestam atenção na alimentação, trocam informações. Salgado (2002, p. 12) afirma que,

Algum dia toda mulher será idosa, caso viva o suficiente para sê-lo. A maioria desejaria viver uma longa vida, porém a sociedade atual não valoriza nem a velhice nem o ser idoso e tende a separar as pessoas por idade e por gerações. As mulheres, portanto, têm sido socializadas e treinadas para temer a velhice. Negando o próprio processo de envelhecimento, pretende-se escapar das penalidades impostas à velhice. Sabe-se que, em uma sociedade, é melhor ser homem do que ser mulher, ser jovem do que ser velho, portanto ser mulher e ser velha é duplamente desvalorizado.

Apesar disso, as mulheres mais velhas podem criar redes poderosas de amizade, vizinhança e comunidade que envolve espaços de apoio e solidariedade que dão sentido ao seu projeto de vida em um momento em que é essencial revisar seus valores e dispor de redes que forneçam uma estrutura inestimável de apoio tanto em situações difíceis como quando enfrentam as perdas que tendem a vir com o passar dos anos.

Esses laços também facilitam um alto nível de atividade e envolvimento, tanto em suas próprias vidas quanto no cuidado da comunidade que elas criam junto com outras mulheres. Além disso, as mulheres idosas se beneficiam do que podemos chamar de “socialização reversa”, por meio de seus relacionamentos com as gerações mais jovens: Elas aprendem com os jovens, descobrem novas perspectivas e tendências, e adotá-los sem medo, incorporando novas ideias, gostos e valores em suas vidas.

Em suma, elas se tornam mais flexíveis, tolerantes e diversas, enriquecendo assim seus vínculos e contatos pessoais e estimulando sua disposição para acolher as importantes mudanças sociais e familiares que eles freqüentemente encontram.

Eles compõem o público em uma ampla gama de atividades culturais na comunidade, que para eles são uma importante fonte de envolvimento, conversa e comunicação. Este acesso silencioso e imparável dos idosos mulheres para uma vida pública e cultural, embora mais como participantes do que como atores, implica uma ruptura com os limites anteriormente impostos pelo privado e solitário mundo da casa.

Dias e Serra (2018, p. 26) aborda sobre a relevância da coletividade e dentre outras questões,

A sociedade brasileira precisa se preparar para enfrentar as questões complexas referentes ao envelhecimento. A longevidade das mulheres precisa, portanto, ser analisada com atenção, numa perspectiva que correlacione, por exemplo, mulheres, velhice e solidão. Ações coletivas com foco no rompimento de mitos e preconceitos contra a mulher idosa; na formação de profissionais especializados na temática; na promoção da autonomia e independência das mulheres em fase de envelhecimento e velhas; na implementação de políticas e intervenções intersetoriais com foco na solidariedade social entre as gerações e na redução das desigualdades entre homens e mulheres e subgrupos da população idosa (pobres, muito idosas, frágeis, moradoras das zonas rurais, quilombolas, indígenas, encarceradas, em risco social, etc.).

A intimidade permite que eles se sintam parte de uma comunidade e oferecem um sentido inestimável de pertencimento que também se revela um elemento fundamental na velhice, pois a solidão é outro fenômeno prevalente.

Essa não é uma questão de que as mulheres nascerem com uma capacidade inata de intimidade, mas sim que a socialização de gênero que encorajou os comportamentos envolvidos na prestação de cuidados e atenção e na educação das crianças, se transforma, na velhice, em uma habilidade positiva para a vivência daquela fase da vida. Apesar disso, ainda há problemáticas em relação a solidão como bem evidencia Motta (2018, p. 94),

As mulheres velhas são também, sabidamente, mais pobres que os homens – pelo fato de que por questões sociais (injunções familiares) e educacionais participaram escassamente do mercado formal de trabalho e podem sofrer carências de recursos que vão empalmar-lhes a solidão.

Nesse aspecto, Neri (2001, p. 85) endossa que “A combinação dos efeitos do envelhecimento, da desigualdade social e das mudanças nas práticas sociais relativas à convivência entre gerações aumenta a probabilidade de que as mulheres idosas e de todos os níveis sociais venham a viver sozinhas”.

Evidentemente nada impede que as mulheres reivindiquem a solidão como uma necessidade e um prazer, e isso pode ser valorizado como uma conquista bem-sucedida da velhice. A mulher pode desfrutar a solidão como um tempo de silêncio e reflexão.

A solidão permite que tomem as rédeas da vida no dia a dia, para colocá-la em ordem. Isso é tentador para aquelas pessoas que viveram muito na companhia de outras pessoas e quase nunca desfrutou de um tempo e espaço por conta própria, como por exemplo, no caso da própria mulher que exerce múltiplas atividades. Contudo, quando essa mulher idosa é posta na solidão por terceiros, isso ganha uma nova interpretação.

Motta (2018, p. 89) afirma que,

No caso da velhice, a solidão adquire configuração especial, porque remete, comparativamente, às experiências passadas, ou ao que se conseguiu fazer com elas. Ponto de chegada de longa trajetória de vida pode revelar perdas, ou ganhos inexpressivos e, sem ater-se exclusivamente à subjetividade, expressa também a marginalidade social de que quase todo velho ou velha é objeto. [...] Em termos mais gerais, a pessoa idosa, principalmente mulher, tem a vivência de quem não desperta interesse, não recebe convites, de que é “diferente”. É a sensação de quem se sente à margem, exatamente porque, material ou simbolicamente, está posta à margem, mesmo.

É importante compreender que mesmo que a mulher idosa conviva com outras pessoas ainda assim ela pode se deparar com a solidão, tendo em vista que, se por um lado a convivência familiar é relevante por outro ela pode ser palco de violências de todos os tipos. Assim, muitos indivíduos na velhice são destituídos de poder e até sair do seu lar impossibilitando de exercer o que gostava, tal como encontrar amigos, sair. Assim, se vê ocultada na casa, sem ter com quem dialogar, sem utilidade, sem futuro, impactando em sofrimento, à solidão, bem como ao isolamento social (MOTTA, 2018).

Nas situações de mulheres mais velhas ocorrem casos que se caracterizam como contradições, ou seja, essa que sempre foi cuidadora de todos, envelhece e muitas vezes não tem quem cuide da mesma, de forma qualificada. Destaca-se que muitas mulheres idosas vivem sozinhas, por não quererem se casar ou pela viuvez e

isso deve ser visto com sinônimo de abandono ou solidão. Indiscutivelmente se observa o avanço da Seguridade Social, bem como dos avanços tecnológicos que fomentem com que a condição de saúde dos idosos melhorarem, porém ainda se faz importante movimentos que incitem ainda mais o cuidado com as mulheres idosas (FRANCO; BARROS JUNIOR, 2011).

Considerando todo esse cenário, a resposta feminista tem sido enfrentar a desvalorização social do ser velho, evitando a negação da idade como tal, mas não é fácil ter sucesso e resistir às normas opressivas da feminilidade: O caminho para envelhecer “naturalmente” é extremamente problemático. Evidencia-se a necessidade de se opor e resistir às narrativas negativas de envelhecimento, reações que envolvem diferentes leituras e discursos acerca o corpo, a idade e a beleza.

É necessário, portanto, que se lance uma discussão aprofundada de corpos mais antigos. Nos últimos anos, as narrativas de decadência impediram qualquer outra forma de significação e interpretação do corpo, impossibilitando a formação de outras leituras, mais humanísticas e pluralistas (MOTTA, 2018).

É essencial redefinir os padrões de beleza e para combater os limites estreitos do que é considerado atraente, para seguir em frente de uma cultura que aceite mais esse processo de envelhecimento, especialmente o feminino. Nesse sentido, a indústria antienvelhecimento, com sua proliferação de cremes, suplementos vitamínicos, programas de exercícios, todas concebidas para mascarar os sinais da idade, não são um padrão cultural resistência.

Franco e Barros Junior (2011, p. 2) endossam que,

A velhice feminina contextualizada no processo de envelhecimento humano vem se constituindo com singularidades específicas; e a questão de gênero na velhice vem se caracterizando como a construção de uma identidade tipicamente feminina das mulheres em comparação com os homens.

A exclusão de mulheres idosas das pesquisas acadêmicas, da mídia e dos espaços culturais de visibilidade e poder ilustra a gerontofobia de nossa cultura. Assim, se faz necessária uma luta constante para que o movimento feminista desenhe alternativas para que haja uma reavaliação do modo patriarcal de organização das relações pessoais e sociais e que fomente um espaço onde se pode oferecer às mulheres mais velhas o reconhecimento, autoridade e poder,

abrindo-lhes espaço e voz, estimulando uma pesquisa adequada à realidade feminina que possibilite uma construção de rituais facilitadores positivos da representação da velhice.

Madureira *et al.*, (2008, p.19) endossam que,

A compreensão do envelhecimento sob uma perspectiva de gênero não possibilitará apenas melhor assistência em situações de doença, mas também ações de promoção da saúde, considerada um recurso para a vida que enfatiza os recursos pessoais, sociais e as capacidades físicas na criação de oportunidades para que indivíduos possam fazer suas escolhas para uma vida mais saudável. Foi com base nessas considerações que este estudo foi desenvolvido, com o objetivo de compreender a percepção de mulheres idosas sobre o envelhecer.

Corroborando, também se faz imprescindível considerar que a desigualdade econômica dos sexos afeta a velhice. Não se pode olhar a velhice nas mulheres sem se importar com o seu trabalho bem como o histórico em que essas profissionais foram afetadas, por exemplo, empregos ocasionais e de meio período, empregos clandestinos sem cobertura social e outras relações de trabalho têm sido a norma. Contudo, isso tem alterado na sociedade, onde a mulher tem tido mais destaque no mercado, apesar das adversidades.

Na gênese, a impossibilidade de obter acesso aos recursos ao decorrer de suas vidas, torna possível compreender o fenômeno da pobreza. Também é essencial reconhecer, portanto, os efeitos de sua dependência econômica anterior e discriminação no mercado de trabalho, e o valor do trabalho afetivo e de sustento da vida realizado pelas mulheres, e o quanto isso afeta na velhice.

Um dos principais tópicos que merecem também atenção diz respeito à compreensão da vida sexual das mulheres idosas. A vida complexa das mulheres idosas parece ser um campo amplo, aberto ao pensamento e à pesquisa crítica e reflexiva, no qual suas vozes e experiências podem ser reveladas como ferramentas essenciais.

3 MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica descritiva e qualitativa. A pesquisa bibliográfica, segundo Boccato (2006), busca a resolução de um problema a partir do levantamento de dados teóricos referentes ao tema escolhido, e dessa forma, as referências teóricas publicadas passam a ser analisadas e discutidas.

Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica. Para tanto, é de suma importância que o pesquisador realize um planejamento sistemático do processo de pesquisa, compreendendo desde a definição temática, passando pela construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação (BOCCATO, 2006, p. 266).

Para Gil (2008) nesse tipo de pesquisa uma das vantagens existentes é a de se deparar com diversos pontos de vista de autores variados e informações compiladas:

Esta vantagem se torna particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. Por exemplo, seria impossível a um pesquisador percorrer todo o território brasileiro em busca de dados sobre a população ou renda per capita; todavia, se tem à sua disposição uma bibliografia adequada, não terá maiores obstáculos para contar com as informações requeridas (GIL, 2008, p. 50).

Os objetivos da pesquisa bibliográfica de acordo com Pizani et al (2012), são de possibilitar o aprendizado sobre um tema específico de uma determinada área do conhecimento; promover a lógica para a identificação e seleção dos métodos e técnicas a serem utilizadas pelo pesquisador; proporcionar auxílio para a composição de produção da escrita, para a introdução e revisão da literatura, assim como, a redação da discussão do trabalho científico.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O início do movimento feminista foi marcado pela reivindicação, principalmente, dos direitos civis, trabalhistas e da igualdade de gênero em todos os âmbitos sociais e de suas tantas definições, segundo Mary Dietz,

O Feminismo é um movimento político e social, local e global, historicamente constituído com uma proposta emancipatória e um conteúdo normativo. Ele afirma um sujeito (mulheres), identifica um problema (a sujeição e objetificação das mulheres através de relações marcadas pelo gênero), e expressa vários objetivos (...) em nome de princípios específicos: igualdade, direitos, liberdade, autonomia, dignidade, auto-realização, reconhecimento, respeito, justiça (DIETZ, 2003, p. 399).

Segundo Simone de Beauvoir (1970), a realidade feminina foi constituída a partir do ponto de vista masculino, no qual o homem é o “Sujeito”, o absoluto e a mulher é definida como o “Outro”, ou seja, a mulher não se definia por si mesma, por sua originalidade, mas sim sob o olhar do homem, em comparação a ele e em detrimento dele. Desse modo a experiência feminina é restringida no singular, mulheres não representam a humanidade inteira, mas a experiência masculina basta para que se compreenda a totalidade.

O feminismo de Beauvoir (1970) corrobora defendendo o espaço para as mulheres serem protagonistas de suas próprias vidas, reivindicando a capacidade criativa que lhes foram negadas durante toda a história.

O movimento feminista atual é um dos movimentos políticos mais importantes. Seu objetivo é a luta a contra a opressão de uma sociedade majoritária patriarcal, que mantém mulheres submissas e dominadas.

Apesar de o movimento lutar contra a opressão, há certo silenciamento a respeito do envelhecimento das mulheres, sendo elas nas mais diversas categorias: classe social, religião, sexualidade e raça.

Germaine Gerrer (2015) discorre que o feminismo moderno vem sendo ageista, elitista e que a sociedade não dispõe de respeito para mulheres idosas e as tornam invisíveis para serem colocadas em pautas feministas.

De acordo com Debert (2012), a falta de interesse do movimento feminista para com as mulheres idosas pode ser explicada pelo medo do envelhecimento,

pela repulsa do corpo envelhecido e pelo sexismo que atravessa a sociedade do consumo da glorificação da juventude eterna e inalcançável.

Ainda que ocorra a desatenção acerca da velhice no âmbito do movimento feminista, mulheres de gerações feministas distintas se assemelham em diversos temas e continuam com o foco para diminuir a exclusão das mulheres na sociedade. Sendo assim, Celiberti (2009 p. 153) considera que as relações entre adultos e jovens sempre pressupõem certo grau de conflito, mas o conflito não é, de modo algum, o lugar indesejável que nos ensinaram; ao contrário, é um espaço de trocas, de renovação do olhar, de reformulações e revisões.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo analisar o envelhecimento feminino a partir das questões sociais com base nas contribuições do feminismo e como objetivos específicos discorreu-se sobre o processo do envelhecimento, e abordou-se sobre os aspectos históricos da mulher e do seu envelhecimento e discutiu-se sobre as representações do envelhecimento da mulher. Sendo assim, alcançaram-se os objetivos da pesquisa.

Evidenciou-se que historicamente a mulher tem ganhado um valor secundário nas relações sociais. Nesse aspecto, considerando todo esse contexto e esse panorama acerca de uma sociedade machista e patriarcal se analisou que o envelhecimento feminino ganha contornos diferenciados.

Observou-se que a velhice é um fenômeno que passa pela invisibilidade social, mas quando se trata especificamente do envelhecimento da mulher, isso se torna ainda mais conturbado, visto que se tem toda uma série de questões como, por exemplo, a exigência para que essa mulher evite a velhice, além disso, essa mulher não dispôs de oportunidades quanto jovem e envelhece de forma mais precária afetando a sua vida.

Essa mulher se vê arraigada das demandas onde precisa manter a beleza constante, e tais aspectos são reforçados na mídia, tendo em vista que aborda constantemente sobre as questões acerca da beleza, ou seja, o processo de envelhecimento é um estigma social na qual as pessoas evitam falar, ou ainda se munem de diversas estratégias para retardar o processo de envelhecimento.

Na sociedade atual, o processo de envelhecer é horrorizado. Assim, aquilo que faz parte do processo biológico e psicológico se torna negligenciado, como já mencionado, o idoso ganha um lugar secundário e quando isso se aplica a mulher, isso se torna ainda mais problemático.

São necessários, portanto, constantes estudos e reflexões que fomentem a quebra de paradigmas e que se humanize o processo de envelhecimento. Pois há duas vertentes, se um lado a mulher que já tem um papel secundário na sociedade e por outro o idoso também tem um valor secundário, logo se observa que o processo de envelhecimento afeta ainda mais a mulher e que pode provocar o adoecimento psicológico da mesma. Além disso, a indústria da beleza parece reforçar também o

quanto a mulher precisa se manter bela, com boa aparência e isso é enfatizado constantemente no meio midiático, onde essa mulher precisa sempre se mostrar jovem, esbelta e bonita, tais fatores são reforçados pela cultura machista, onde o homem demanda da mulher essa beleza.

Corroborando com isso, um dos fatores que mais sobressaiu nessa pesquisa entre os autores se refere ao aspecto econômico da mulher, ficou notório a partir das análises com base na teoria feminista que a raiz do envelhecimento não sadio dessa mulher está muito relacionado ao fato que historicamente essa mulher não se manteve financeiramente.

Além disso, teve ou tem que compartilhar o seu trabalho - no caso das mulheres que tinham a vida financeira - e ainda tinha ou tem que lidar com o fato de trabalhar em casa e ainda ter que liderar o cuidado da família, as demandas da casa. Essa sobrecarga da mulher afeta expressivamente na qualidade do seu envelhecimento.

É notória a relevância do movimento feminista para a compreensão da mulher no meio social, onde busca a ratificação da mesma para que possa ter uma vida mais autônoma, com liberdade e o mais livre possível de preconceitos e exclusão que tem sido alicerçado por uma cultura patriarcal e machista. Portanto, sugerem-se mais estudos e pesquisas que possam ampliar acerca desse fenômeno, pois ainda se evidencia certa escassez em relação a essa temática.

REFERÊNCIAS

AFFELDT, Marco Aurélio Feltrin *et al.* **O asilo enquanto espaço e lugar: a institucionalização da velhice em Santa Maria - RS.** 2013. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/ppggeo/images/mafa.pdf> Acesso em 15 de setembro de 2021.

ALMEIDA, V.L.V. Imagem da velhice: o olhar antropológico. **A terceira Idade**, São Paulo: v. 10, n. 15, p. 35-40, dez. 1998.

ALVES, Branca Moreira. **Ideologia e feminismo: a luta da mulher pelo voto no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 1980.

ALVES, José Eustáquio Diniz. **O envelhecimento brasileiro por grupos quinquenais até 2050.** 2016. Disponível em: <http://camaradecultura.org/o-envelhecimento-brasileiro-por-grupos-quinquenais-ate-2050-artigo-de-jose-eustaquio-diniz-alves/> Acesso em 15 de setembro de 2021.

ARAÚJO, Claudia Lysia de Oliveira; SOUZA, Luciana Aparecida de; FARO, Ana Cristina Mancussi. Trajetória das instituições de longa permanência para idosos no Brasil. **HERE-História da Enfermagem Revista Eletrônica**, v. 1, n. 2, p. 250-262, 2010. Acesso em 15 de setembro de 2021.

BARROS, A.M. **Curso de Direito do Trabalho**, 11 ed. São Paulo, 2011.

BEAUVOIR, Simone. **A velhice realidade incômoda.** São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos.** São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960.

BEAUVOIR, Simone. **Old age.** Harmondsworth: Penguin, 1970.

BERZINS, Marília Anselmo Viana da Silva. Envelhecimento populacional: uma conquista para ser celebrada. **Serviço Social & Sociedade**, v. 75, p. 19-35, 2003. Disponível em <http://www.portaldoenvelhecimento.com/publicacoes/revista%20ss.htm> Acesso em 07 de out. de 2021

BOCCATO, V. R. C. **Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação.** Rev. Odontol. São Paulo: Univ. Cidade São Paulo, v. 18, n. 3, 2006, p. 265-274.

BLAY, E. (2004). 8 de Março: conquistas e controvérsias <http://www.piratininga.org.com/artigos/2004/001/blay-8demarco.html>

CAMARANO, A. A. Envelhecimento da população brasileira: Uma contribuição demográfica. In: FREITAS, E. V. et al. **Tratado de Geriatria e Gerontologia.** 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2006. p. 88-105.

CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange. As instituições de longa permanência para idosos no Brasil. **Revista brasileira de estudos de população**, v. 27, p. 232-235, 2010. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbepop/a/s4xr7b6wkTfqv74mZ9X37Tz/?lang=pt> Acesso em 15 de setembro de 2021.

CAMPOS, Ana Cristina Viana. Envelhecimento no Brasil: um processo multidimensional. **Enfermagem Brasil**, v. 10, n. 5, p. 259-260, 2011. Disponível em <https://portalatlanticaeditora.com.br/index.php/enfermagembrasil/article/view/3871> Acesso em 15 de setembro de 2021.

CARLOTO, Cassia Maria. O conceito de gênero e sua importância para a análise das relações sociais. **Serviço social em revista, Londrina**, v. 3, n. 2, p. 201-213, 2001. Disponível em https://www.uel.br/revistas/ssrevista/c_v3n2_genero.htm#:~:text=Do%20lugar%20que%20%C3%A9%20atribu%C3%ADdo,uma%20vis%C3%A3o%20particular%20da%20mesma.&text=n%C3%A3o%20se%20trata%20de%20perceber,entram%20em%20rela%C3%A7%C3%A3o%20com%20outro. Acesso em 15 de setembro de 2021.

CELIBERTI, Lilian. Jovens feministas. Feministas jovens. In: PAPA, Fernanda de Carvalho e SOUZA, Raquel. (orgs.) Jovens feministas presentes. São Paulo, Unifem/Friedrich Ebert Stiftung/Ação Educativa, 2009, p.150-155.

DA MOTTA, Alda Britto. IDADE E SOLIDÃO: a velhice das mulheres. **Revista Feminismos**, v. 6, n. 2, 2018. Disponível em : <file:///C:/Users/User/Downloads/30390-Texto%20do%20Artigo-107037-1-10-20190311.pdf> Acesso em 07 de out. de 2021.

DANIEL, Fernanda; SIMÕES, Teresa; MONTEIRO, Rosa. Representações sociais do envelhecer no masculino e do envelhecer no feminino. **Ex aequo**, n. 26, p. 13-26, 2012. Disponível em : <https://eg.uc.pt/handle/10316/41943> Acesso em 15 de setembro de 2021.

DEBERT, G. G. BRIGEIRO, M. Fronteiras de gênero e a sexualidade na velhice. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v. 27, n 80, out, 2012.

DELFINO, L. G. **Atenção à qualidade de vida do idoso**: quando prevenir é a melhor alternativa. Attention to the quality of life of the senior: when it prevents it is the best alternative. Disponível em: <http://www.cic.fio.edu.br/anaisCIC/anais2008/Artigos/Enfermagem/004-ATENCAO.pdf> Acesso em 07 de out. de 2021.

DIAS, Marly de Jesus Sá; SERRA, Jacira. Mulher, velhice e solidão: uma tríade contemporânea?. **Serviço Social e Saúde**, v. 17, n. 1, p. 9-30, 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/sss/article/view/8655190> Acesso em 07 de out. de 2021.

DIETZ, Mary G. Current controversies in feminist theory. **Annual Review of Political Science** (6), 2003, p. 399-431

FERNANDES, Maria das Graças Melo. Papéis sociais de gênero na velhice: o olhar de si e do outro. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 62, p. 705-710, 2009. Disponível em : <https://www.scielo.br/j/reben/a/BdpWf5t3psqCnYfhNLMHknk/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 07 de out. de 2021.

FERNANDES, Maria. Papéis sociais de gênero na velhice: o olhar de si e do outro. **Revista Brasileira de Enfermagem**, 62, 5, pp. 705-710, 2009. Disponível em <https://www.scielo.br/j/reben/a/BdpWf5t3psqCnYfhNLMHknk/abstract/?lang=pt> Acesso em 07 de out. de 2021.

FRANCO, C. M. B.; BARROS JR, F. O. A velhice feminina e a (re) construção da identidade da mulher idosa: Aspectos teóricos. **Jornada Internacional de Políticas Públicas**, 2011. Disponível em : http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2011/CdVjornada/JORNADA_EIXO_2011/QUESTOES_DE_GENERO_ETNIA_E_GERACAO/A_VELHICE_FEMININA_E_A_R E_CONSTRUCAO_DA_IDENTIDADE_DA_MULHER_IDOSA.pdf Acesso em 07 de out. de 2021.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade, 2018.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008

GROISMAN D. **Asilos de velhos**: passado e presente. Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento 1999; 2: 67-87. Disponível em: <http://psicodebate.dpgpsifpm.com.br/index.php/periodico/article/view/58> Acesso em 15 de setembro de 2021.

IBGE. **Projeção da população 2018**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9109-projecao-da-populacao.html?=&t=downloads>. Acesso em 15 de setembro de 2021.

LIMA, Lara Carvalho Vilela; BUENO, Cléria Maria Lobo Bittar. Envelhecimento e Gênero: A Vulnerabilidade de Idosas no Brasil. **Saúde e Pesquisa**, v. 2, n. 2, p. 273-280, 2009. Disponível em : <https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/saudpesq/article/view/1173> Acesso em 15 de setembro de 2021.

MASCARO, Sônia Amorim. **O que é velhice**. São Paulo: Brasiliense, 2004

MONTEIRO, Chirlene Mendes. **Análise dos Fatores de Institucionalização do Idoso na Unidade de Abrigo Olavo Bilac**. 2014. 62 f. (Monografia, requisito parcial para obtenção do título de bacharelado). Centro de Ensino Superior do Paraná, Faculdade Cearense, Fortaleza, 2014.

NERI, A.L. Velhice e qualidade de vida na mulher. In: NERI, A.L. (org.). **Desenvolvimento e envelhecimento**: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas. Campinas: Papyrus, 2001.

NERI, Anita Liberalesso. **Palavras-chave em gerontologia**. Campinas: Átomo-Alíne, 2006.

PAPALÉO NETTO, M. e KITADAI, E.T. **A Quarta Idade**: os desafios da longevidade. São Paulo: Editora Atheneu, 2015.

PAPALÉO NETTO, Matheus. **Gerontologia**: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada. São Paulo: Atheneu, 2002.

PIZZANI, Luciana; SILVA, Rosemary Cristina da; BELLO, Suzelei Faria; HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini. **A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento**. Campinas/SP: Rev. Dig. Bibl. Ci. Inf, v.10, n.1, p.53-66, jul./dez. 2012. Disponível em:
<<https://polaris.bc.unicamp.br/seer/ojs/index.php/rbci/article/view/522>. Acesso em

RODRIGUES, P.J. ET al. **O trabalho feminino durante a revolução industrial**. XXI Semana da Mulher. São Paulo, 2015. Disponível em:
<https://www.marilia.unesp.br/Home/eventos/2015/xxisemanadamulher1189/o-trabalho-feminino_paulo-jorge-rodrigues.pdf>

RUIPÉREZ I, Llorente P. **Depressão e suicídio**: frequência, importância, manifestações e suspeita, cuidados, vigilância e tratamentos especiais. In: RUIPÉREZ I, Llorente P. Geriatria. Rio de Janeiro (RJ): Mc Graw-hill; p. 243- 51, 2002.

SALGADO, Carmen Delia Sánchez. Mulher idosa: a feminização da velhice. **Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento**, v. 4, 2002. Disponível em: file:///C:/Users/User/Downloads/4716-15094-1-PB.pdf Acesso em 07 de out. de 2021.

SERRA, J. N. **Eu não tenho mais querer**: a violência simbólica contra os idosos. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas) Universidade Federal do Maranhão/UFMA, 2005. Disponível em :
<https://core.ac.uk/download/pdf/233142724.pdf> Acesso em 07 de out. de 2021.

SILVA, Glauce Cerqueira Corrêa da et al. A mulher e sua posição na sociedade: da antiguidade aos dias atuais. **Revista da SBPH**, v. 8, n. 2, p. 65-76, 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rsbph/v8n2/v8n2a06.pdf> Acesso em 07 de out. de 2021.

SILVA, Luna Rodrigues Freitas. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. **Hist. cienc. saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 155-168, Mar. 2008. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702008000100009&lng=en&nrm=iso. Acesso em 15 de setembro de 2021.

DA SILVA, Maria Beatriz Nizza. A história da mulher no Brasil: tendências e perspectivas. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 27, p. 75-91, 1987.

SIQUEIRA, Renata Lopes de; BOTELHO, Maria Izabel Vieira; COELHO, France Maria Gontijo. A velhice: algumas considerações teóricas e conceituais. **Ciência & saúde coletiva**, v. 7, p. 899-906, 2002. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csc/a/Q7tDFMfnSc8nmYHYBDkmXVm/abstract/?lang=pt> Acesso em 15 de setembro de 2021.

SOUSA, Franciele Santana de; MOURA, Maria Aparecida Garcia. Uma discussão acerca da questão de gênero e o serviço social. **VI Jornada Internacional de Políticas públicas**, 2013. Disponível em <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2013/JornadaEixo2013/anais-eixo7-questoesdegeneroetniaegeracao/pdf/umadiscussaoacercadaquestaoodegeneroeoser vicosocial.pdf> Acesso em 15 de setembro de 2021.

TORRES, Tatiana de Lucena *et al.* Representações sociais e crenças normativas sobre envelhecimento. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 20, p. 3621-3630, 2015. <https://www.scielo.br/j/csc/a/zv6MPZmTvygT9vBGsNnBHsB/abstract/?lang=pt> Acesso em 15 de setembro de 2021.

VERAS, Mariana Oliveira. **Parceria público-privada na saúde**: análise dos hospitais públicos geridos por organizações sociais. 2018. 80 f. (Dissertação Administração Pública), Universidade Federal de Goiás, Goiânia. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/8284/5/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20-%20Mariana%20Oliveira%20Veras%20-%202018.pdf> Acesso em 15 de setembro de 2021.

WITT, Juliana da Silveira Gonçalves Zanini; SCHNEIDER, Aline Petter. Nutrição Estética: valorização do corpo e da beleza através do cuidado nutricional. **Ciência & saúde coletiva**, v. 16, p. 3909-3916, 2011. Disponível em <https://www.scielo.br/j/csc/a/5S9gmdRPLsRGhd7nyVqTRSf/abstract/?lang=pt> Acesso em 15 de setembro de 2021.